

nara roesler

ALBERTO PITTA

solo artrio 2024

pavilhão mar
estande s3

preview

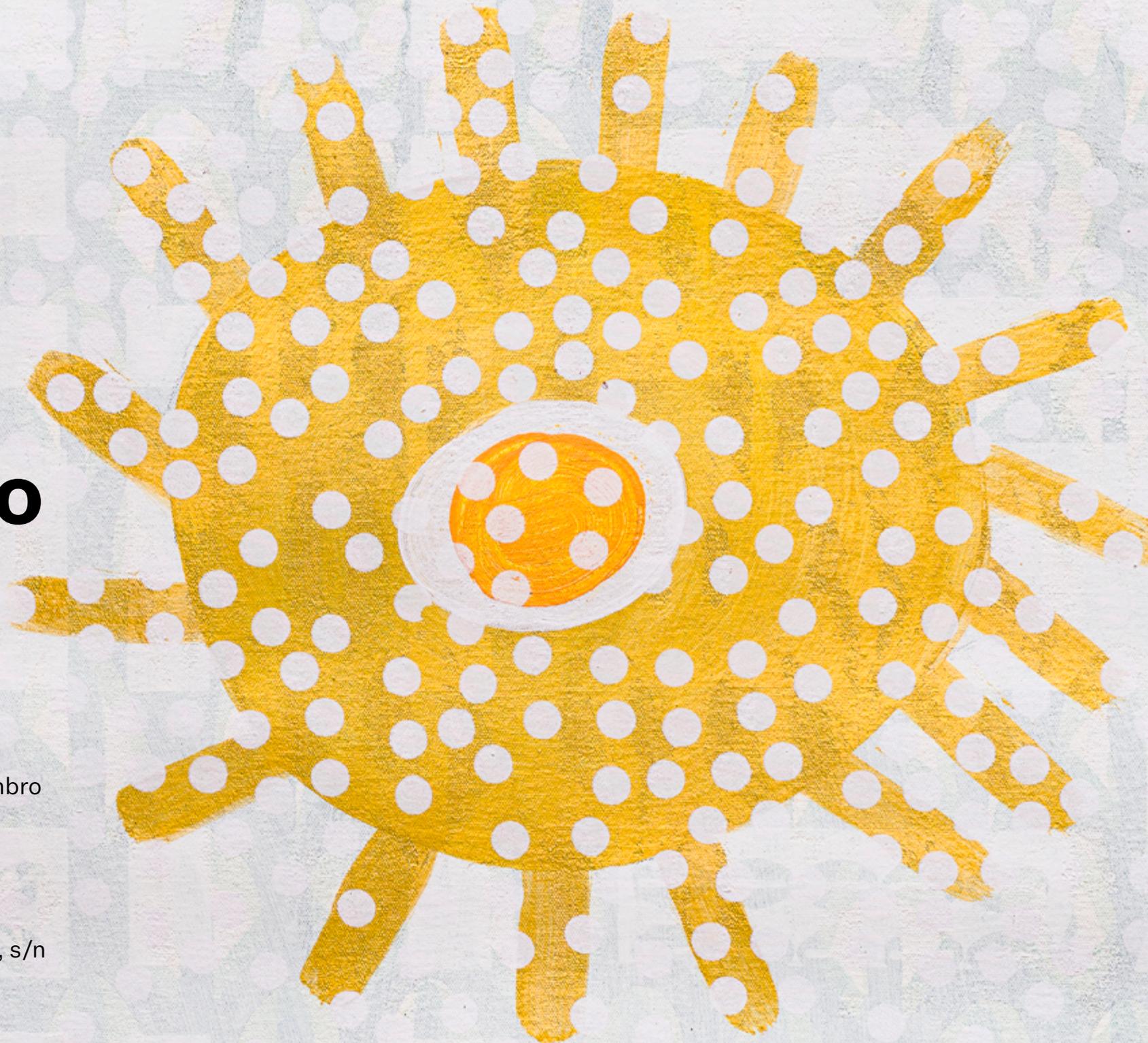
quarta-feira, 25 de setembro

aberta ao público

26 – 29 de setembro

marina da glória

av. infante dom henrique, s/n
rio de janeiro



alberto pitta

art rio

Para o projeto SOLO da ArtRio 2024, Alberto Pitta apresenta desdobramentos de sua série *Moradismo*, conjunto de pinturas que vem desenvolvendo nos últimos dois anos. O ponto de partida para esses trabalhos é a arquitetura vernacular brasileira, em especial do interior do Nordeste, que ficou conhecida também através do fotolivro *Pinturas e Platibandas* (2010), de autoria da fotógrafa Anna Mariani, e das casas de axé da Bahia. Na série, o artista combina fachadas de casarios, terreiros e igrejas com elementos associados às religiões de matriz africana, como búzios, símbolos de orixás e seres lendários. Tal simbologia é especialmente presente na mitologia iorubá, oriunda do oeste africano e amplamente presente em Salvador e no Recôncavo baiano.

Moradismo começou a ser desenvolvida em 2023, para a exposição *O Quilombismo: Of Resisting and Insisting. Of Flight as Fight. Of Other Democratic Egalitarian Political Philosophies*, na Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, a convite de Bonaventure Soh Bejeng Ndikung. Parte dos trabalhos, todos em grandes dimensões, participaram também da mostra coletiva *Stirring the Pot*, que esteve em exibição na Casa da Cultura da Comporta, em Portugal, de julho a agosto de 2024. A exposição foi realizada através de uma parceria entre as galerias Nara Roesler e Fortes d’Aloia e Gabriel e teve curadoria de Nancy

Dantas. O título da série remete ao conceito de “Quilombismo”, cunhado pelo intelectual e artista afro-brasileiro Abdias do Nascimento. Tal ideia se baseia na experiência vivida pelos quilombolas durante a época da escravidão, que criaram modos de vida alternativos de sobrevivência e adaptação num território até então estranho e violento. A arquitetura vernacular, nesse sentido, seria uma estratégia para fazer do solo estrangeiro uma nova morada.

Um dos trabalhos presentes na seleção é *Oxotokanxoxo*, no qual se vê representado um arco e flecha apontado para um grande pássaro. Abaixo de ambos, uma cidade com um conjunto de casarios. A composição faz referência a uma antiga lenda na qual o orixá Oxóssi, por meio de seu arco e com uma só flecha (o ofá, símbolo que o caracteriza) conseguiu matar um grande pássaro que trazia má sorte para uma aldeia.

Já em Quem come quiabo não pega feitiço e Festa de Caboclo II, é explorada a dimensão simbólica e festiva da energia vital da comida e sua relação com a espiritualidade, evocando também a fartura e a prosperidade para os lares.

Ile N’lá Casa Grande, da série *funfun*, na qual o artista utiliza técnicas de estamperia em branco sobre branco, tem ao centro uma figura humana com sua casa e o opaxorô, elemento da indumentária do orixá Oxalá, que simboliza a criação do mundo, dos homens e a sabedoria dos mais velhos. A prática de revisitar telas de serigrafia antigas é recorrente no processo de

trabalho do artista. Nesta obra, por exemplo, vemos um elemento gráfico circular utilizado na indumentária realizada por Pitta para o Carnaval do Oludum, em 1992, que teve como tema *Índia, os Caminhos da Fé*. Trata-se do Ashoka Chakra, símbolo presente na bandeira nacional da Índia que representa a autonomia do povo indiano na confecção de suas vestes em resposta à colonização, além de simbolizar vida e movimento.

Alberto Pitta participou de importantes mostras dentro e fora do Brasil. Dentre as individuais, se destacam: *Outros Carnavais*, na Nara Roesler Rio de Janeiro (2024); *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador (2023) e *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo (2022). Dentre as coletivas, se destaca sua participação na 24ª Bienal de Sidney (2024); *Lélia em Nós: Festas Populares e Amefricanidade*, no Sesc Vila Mariana, São Paulo (2024); *Stirring the Pot*, na Casa da Cultura da Comporta, Portugal (2024); *O Quilombismo: Of Resisting and Insisting. Of Flight as Fight. Of Other Democratic Egalitarian Political Philosophies*, na Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023); *Encruzilhada*, no Museu de Arte Moderna de SalvadorSalvador (2022), e *Um Defeito de Cor*, no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro (2022) e Sesc Pinheiros, São Paulo (2024). Seu trabalho figura em coleções institucionais, como: Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil; Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil e Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil.

Ilê N'Lá - Casa Grande, 2024
tinta acrílica, adesivos, impressão
pintura e impressão sobre tela
168 x 200 cm



Quem Come Quiabo
Não Pega Feitiço, 2024
pintura e impressão sobre tela
126 x 177 cm





Festa de Caboclo II, 2024
pintura e impressão sobre tela
126 x 174 cm





Moradismo, 2024
pintura e impressão sobre tela
123 x 175 cm





Oxotokanxoxo, 2024
pintura e impressão sobre tela
151 x 143 cm





alberto pitta

n. 1961, Salvador, Brasil

vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhi e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia lorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretam a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas

- *Outros Carnavais*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Stirring the Pot*, Casa da Cultura da Comporta, Comporta, Portugal (2024)
- 24ª Bienal de Sidney, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Political Philosophies*, Haus der Kulturen der Welt, Berlin, Germany (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art